



Territorialização do Saber: A Construção da Consciência Histórica através das Crenças Populares.

SILVA, Heberton Vitória de Andrade ¹
OLIVEIRA, Alice Virginia Brito de ²

RESUMO: Esta pesquisa analisa uma intervenção pedagógica realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com uma turma de 8º ano da Escola Municipal de Arapiraca-AL. O estudo investiga como o uso de mitos e superstições populares — como a crença de que "contar estrelas faz nascer verrugas" — atua como recurso de mediação didática para o ensino do Iluminismo. A metodologia, de natureza qualitativa, fundamenta-se no relato crítico de experiência, apoiado na teoria da consciência histórica discutida por Luis Fernando Cerri (2010) e na Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (1997). Os resultados indicam que a transição da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica permitiu aos discentes identificar as marcas do passado no presente, compreendendo a razão iluminista não como um conceito abstrato, mas como um instrumento de libertação intelectual e desnaturalização de discursos de poder. Conclui-se que a valorização do saber informal fortalece os laços identitários e promove uma aprendizagem histórica significativa.

Palavras-Chave: didática da história, iluminismo, superstições populares, pibid.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de História no Ensino Fundamental - Anos Finais enfrenta o desafio de aproximar os conteúdos programáticos da realidade vivenciada pelos alunos, visto que saberes formais e cotidianos muitas vezes parecem caminhar em sentidos opostos. No contexto do 8º ano, a discussão sobre o movimento iluminista frequentemente é percebida como distante da aplicação prática, o que contribui para a redução da participação discente. Diante disso, esta pesquisa apresenta uma intervenção pedagógica desenvolvida no PIBID que buscou "territorializar" o Iluminismo a partir do universo simbólico dos estudantes.

A proposta fundamenta-se na ideia de que a cultura histórica dos alunos, entre elas, as crenças populares servem como mediador entre o conhecimento formal e o informal. Assim, o problema central da pesquisa reside em como a

¹ Graduando em Licenciatura em História da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Campus I, heberton.silva.2022@alunos.uneal.edu.br

² Doutora em Educação; Professora do curso de História da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Campus I; Coordenadora de Área do PIBID; aliceoliveira@uneal.edu.br



reflexão sobre superstições populares pode servir de laboratório para a construção da consciência histórica, permitindo ao aluno assumir-se como sujeito pensante e transformador. Ademais, evidenciar a importância do ensino de História integrado com a perspectiva da didática da História na promoção de uma sala de aula participativa e dialógica.

Ancorado nos estudos de Cerri (2010) sobre a atribuição de sentido à experiência do passado e na "Pedagogia da Autonomia" de Paulo Freire (1997), este trabalho analisa o impacto de confrontar crenças herdadas com explicações históricas e científicas. Ao investigar a historicidade de mitos como o de "contar estrelas faz nascer verruga", o ensino de História transcende a cronologia factual, fornecendo os instrumentos necessários para que o aluno identifique permanências e rupturas, desenvolvendo a autonomia intelectual indispensável para o exercício da cidadania.

Contextualizando brevemente, a intervenção pedagógica consistiu na discussão de crenças populares presentes no cotidiano dos alunos do 8º ano, articulando essas concepções ao estudo do Iluminismo e à transição de sociedades pautadas na tradição para sociedades fundamentadas na razão. Ao confrontar tais crenças com explicações históricas e científicas, os estudantes puderam compreender o processo de desconstrução dos mitos por meio da razão histórica. Dessa forma, evidenciou-se que o Iluminismo não foi apenas compreendido como um evento do passado, mas vivenciado como uma postura intelectual necessária para o desenvolvimento da autonomia no tempo presente.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, fundamentado nas vivências empíricas desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). A experiência analisada refere-se a uma intervenção pedagógica realizada com uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental do Município de Arapiraca-AL, abordando o conteúdo do Iluminismo em diálogo com as crenças populares presentes no cotidiano dos estudantes.

Para tanto, iniciou-se a intervenção com o mapeamento do pensamento mítico/tradicional presente nas vivências dos alunos, com referência a algumas



crenças populares. Em seguida, os estudantes confrontaram as narrativas herdadas com explicações históricas e científicas, exercitando a operação historiográfica como recurso de análise crítica. Por fim, introduziu-se o referencial teórico do Iluminismo, estimulando os alunos a aplicar o método científico e a dúvida metódica às superstições identificadas na etapa inicial.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tradicionalmente, o ensino de História foi conduzido por uma abordagem que privilegiava os grandes eventos do passado, sendo este o ponto de partida para a reflexão historiográfica. Nessa perspectiva, era necessário primeiramente revisitar o passado para depois perceber suas marcas no presente, exigindo, assim, um nível de abstração maior por parte dos alunos, ao mergulhar em uma sociedade e em um tempo distante do seu, sem qualquer ponto de ancoragem com sua realidade. Que, por sua vez, tornou as aulas de história pouco atrativas aos alunos, uma vez que a cronologia histórica só incluía os alunos enquanto sujeitos históricos no final do processo, quando abordava as consequências do contexto histórico na atualidade, o que gerava a dispersão dos alunos durante o percurso de ensino-aprendizagem.

Entretanto, a partir dos anos 1980, intensificaram-se as discussões em torno da Didática da História, campo de pesquisa voltado à compreensão do conhecimento histórico através das expressões culturais presente no cotidiano. De acordo como Cardoso (2008, p.165) “a Didática da História pode ser definida como uma disciplina que tem por objeto de estudo todas as elaborações da História sem forma científica”, ou seja, o conhecimento historiográfico produzido no cotidiano sem “intencionalidade” acadêmica, como filmes, séries, novelas, músicas, entre outros. Assim, ao inverter a abordagem historiográfica, estabelecendo o presente como ponto de partida, a Didática da História possibilitou que os sujeitos interpretem o passado através da sua realidade, contribuindo para a formação da consciência histórica, isto é, o entendimento da relação do homem no tempo e no espaço.

Nesse sentido, destaca-se o currículo do 8º ano do Ensino Fundamental, tendo em vista que ele apresenta maior discussão conceitual, criando uma perspectiva de distanciamento histórico, entre o conhecimento histórico e o conteúdo. Por não haver assimilação prática do conteúdo os alunos acabam dispersando-se, como aconteceu em uma aula sobre o movimento iluminista no século XVII e XVIII,



em uma turma de 8º ano. Inicialmente, o professor-supervisor, buscou contextualizar o movimento iluminista pela etimologia da palavra, ressaltando o contraste entre o pensamento da Idade Média (tradição) e Idade Moderna (razão), como o apoio do livro didático (Boulos, 2024). Entretanto, o professor não obteve a atenção dos alunos, ocorrendo conversas paralelas, enquanto alguns “dormiam” e outros rabiscavam o caderno.

Ao perceber o comportamento dos alunos, o professor altera rapidamente sua abordagem, questionando os alunos se eles já escutaram seus pais ou avós afirmando que “não pode contar estrelas, pois nasce verruga”, redirecionando o foco da aula para a vivência temporal do aluno. Quando o professor faz isso, ele promove intuitivamente uma abordagem relacionada à Didática da história, pois é a partir desse momento que os alunos começam a se relacionar com a temática da aula. Imediatamente, os alunos começam a participar da aula, a citar crenças populares que seus pais ou avós contam para eles, entre elas, o azar ao quebrar o espelho, o comprometimento da saúde da mãe ao deixar o chinelo virado ou a crença de colocar a vassoura atrás da porta para com que a visita indesejada vá embora.

A partir dessas crenças, principalmente a do fato de contar estrelas faz nascer verruga, o professor construiu uma ponte metodológica que permite discutir junto com os alunos a influência das tradições na interpretação da sociedade e a mudança proposta pelos iluministas, mostrando que “todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente” (BNCC, 2018, p.397). A partir daí o professor começa a analisar o cenário da Idade Média, em que devido à dificuldade de acesso à educação as pessoas agiam de acordo com a tradição, ou seja, o que era aceito como “verdade”, sem questionar ou refletir qual a comprovação daquele fato, como a crença do risco de contar estrelas. Dessa forma, as crenças populares são utilizadas como ponto de partida para problematizar saberes herdados e estimular a reflexão crítica sobre suas origens e significados.

Posto isso, ao abordar a modernidade e movimento iluminista, percebe-se que haverá um estímulo pela validação da “verdade”, melhor dizendo, a comprovação científica por meio da razão da ideia afirmada, seja por experimentos, análise ou comparação, representando a busca pelo esclarecimento e a autonomia. No caso de 'contar estrelas faz nascer verruga', a validação viria por meio da comprovação científica da relação entre o ato de contar estrelas e o fator biológico



de nascer um nódulo sobre a pele. Essa transição do senso comum para o exame metódico reflete o que Freire (1997) define como a passagem da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica, onde o saber se torna “mormente rigoroso” através da crítica e da fundamentação científica.

Logo, observa-se que a abordagem contribuiu significativamente para a construção da consciência histórica dos alunos, uma vez que possibilitou compreender que as crenças e formas de conhecimento são produtos de contextos históricos específicos e estão sujeitas a transformações ao longo do tempo. Assim, desenvolvendo “uma espécie de letramento histórico, ou seja, a capacidade de aplicar as ideias e conhecimentos que produzimos reflexivamente para orientar nossa vida prática, na tomada de decisões cotidianas” (Cerri, 2010, p.275). Dessa maneira, os alunos saíram de uma consciência tradicional, onde ele aceita o mito porque “sempre foi assim”, para uma consciência crítica, onde ele entende que as verdades são construídas no tempo e podem ser questionadas.

Além disso, a utilização das crenças populares durante a aula possibilitou os alunos a investigar a historicidade do seu cotidiano, deixando de ser um receptor passivo de informações para assumir o protagonismo em sua trajetória de aprendizagem, transformando-se em um sujeito que analisa criticamente as fontes e as narrativas herdadas. Nesse cenário, o papel da disciplina de História transcende a cronologia factual, consolidando-se como um campo de saber que fornece os instrumentos metodológicos necessários para que o aluno identifique permanências e rupturas, desenvolvendo a autonomia intelectual indispensável para o exercício da cidadania e a compreensão das relações de poder que moldam o espaço social contemporâneo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica analisada demonstra que o ensino do Iluminismo, quando desvinculado de uma cronologia factual e eurocêntrica, ganha vitalidade ao ser confrontado com a realidade imediata dos discentes. Ao utilizar as superstições populares como “ponte metodológica”, foi possível converter a curiosidade ingênua em curiosidade epistemológica, permitindo que os estudantes do 8º ano não apenas compreendessem o conceito de razão, mas o aplicassem como recurso de análise sobre suas próprias heranças culturais.



A desconstrução do mito de ""contar estrelas" revelou-se um exercício eficaz de alfabetização histórica. Através dessa prática, os alunos identificaram que o conhecimento sobre o passado é, fundamentalmente, um instrumento para a compreensão das tensões do presente. A transição de uma consciência tradicional para uma consciência histórica crítica permitiu que os sujeitos percebessem a historicidade dos discursos de verdade e as relações de poder subjacentes às tradições herdadas.

Conclui-se que o folclore, longe de ser um conteúdo exótico ou ultrapassado, atua como um potente mediador didático. Ele possibilita que a escola cumpra sua função transformadora, promovendo a autonomia intelectual indispensável para o exercício da cidadania. Assim, o projeto reafirma a relevância de uma Didática da História que valorize o saber sensível e o protagonismo discente, transformando a sala de aula em um espaço de investigação, desnaturalização e liberdade intelectual.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento "001", por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID da UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS (UNEAL)-Campus I.

Agradeço a professora e coordenadora do PIBID Alice Virginia Brito de Oliveira, por todo apoio e dedicação para a entrega desse trabalho.

Ao professor-supervisor Adams Ferreira, pela parceria e incentivo a práticas reflexivas no ambiente escolar; e à Escola Municipal pelo acolhimento e por proporcionar a integração ao espaço escolar.



REFERÊNCIAS

BOULOS Júnior, Alfredo. **História sociedade & cidadania: 8º ano: ensino fundamental: anos finais** / Ifredo Boulos Júnior. --1. ed. -- São Paulo: FTD, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: 25, mar. 2026.

CARDOSO, Oldimar. “**Para uma definição de didática da História**”. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.28, p.153-170. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/yWNB7rzGTsCbG5NhMDJ9VxN/abstract/?lang=pt> Acesso em: 25, mar. 2026.

CERRI, Luis Fernando. “**Didática da história: uma leitura teórica sobre a história na prática**”. Revista de história regional 15, p. 264-278, Inverno, 2010. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2380>. Acesso em: 25, mar. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.